

**José Manuel Landeiro (1905-1973):
Um educador obreiro da memória**

Helder Manuel Guerra Henriques
Escola Superior de Educação de Portalegre

Introdução

Este trabalho resulta de um projecto de pesquisa biográfica, integrado no âmbito das Comemorações dos 800 Anos da atribuição, por D. Sancho I, do Foral de Penamacor (1209 - 2009), sobre personalidades que se destacaram no concelho de Penamacor, em diversas áreas, ao longo, sobretudo, do período contemporâneo.

A escolha recaiu sobre o nosso próprio imaginário dado que parte do conhecimento histórico que possuímos sobre este concelho, de onde somos naturais, foi apropriado à luz das investigações efectuadas por José Manuel Landeiro, nas décadas de 30 e 40 do século XX, perdurando ainda hoje como autor de referência em Penamacor.

Neste sentido, propomos apresentar o perfil biográfico de José Manuel Landeiro salientando dois “campos de acção” que construiu e relacionou como mecanismo de promoção de uma imagem de si para o outro (Dubar, 1997) e de valorização dos territórios da memória. O primeiro campo diz respeito, especificamente, à sua formação e apropriação de saberes, normas e valores em diversas instituições educativas por onde passou; o segundo, tem a ver com uma dimensão social e cultural que sustentou ao longo de toda a sua vida profissional, como forma de se valorizar a si, à sua profissão e de construção e potenciação de uma memória local, no contexto do Estado Novo.

Utilizaremos, principalmente, o periódico albicastrense “*A Beira Baixa*” que servirá de suporte empírico do nosso trabalho. Mais especificamente, tomaremos como objecto de estudo, no interior deste jornal regional, uma coluna assinada e desenvolvida pelo actor educativo em causa intitulada “*Postais da Nossa Terra*” entre 1937 e 1949.

A imprensa surge neste trabalho como um veículo construtor da memória e da identidade pelo conjunto dos assuntos ali tratados pelo professor referido. Além da imprensa serão ainda utilizadas fontes fotográficas, materiais publicados pelo actor

educativo e documentos de arquivos diversos, como do Seminário do Fundão ou da Sociedade de Geografia de Lisboa.

A metodologia seguida prende-se, sobretudo, com a construção de uma grelha de análise que permita uma leitura dialogante entre dois eixos estruturantes da vida deste indivíduo, partindo do princípio que a articulação que construiu entre a escola e a comunidade consistiu numa estratégia de valorização dos territórios, da geografia humana, da sua profissão e de si mesmo.

De acordo com António Nóvoa encontramos-nos neste momento “perante uma mutação cultural que, pouco a pouco, faz reaparecer os sujeitos face às estruturas e aos sistemas, a qualidade face à quantidade, a vivência face ao instituído” (1995: 18). Assim, considera que “os métodos biográficos, a autoformação e as biografias educativas assumem, desde o final dos anos 70, uma importância crescente no universo educacional” (idem).

Deste modo, torna-se relevante compreender os passos que cada indivíduo deu ao nível da sua formação académica, de forma a permitir uma leitura dinâmica da sua trajectória de vida, isto é da (s) identidade (s). Ora, este conceito, de acordo com alguns autores, deve ser considerado como uma construção plural, dinâmica e multidimensional, onde o espaço e o tempo assumem uma importância vital para a compreensão de estratégias individuais e/ou colectivas de afirmação de grupos socioprofissionais, como é o caso do professorado primário¹.

“Esta abordagem [biográfica] permite compreender de um modo global e dinâmico as interacções que foram acontecendo entre as diversas dimensões de uma vida. Só uma história de vida permite captar o modo como cada pessoa, permanecendo ela própria, se transforma. Só uma história de vida põe em evidência o modo como cada pessoa mobiliza os seus conhecimentos, os seus valores, as suas energias, para ir dando forma à sua identidade, num diálogo com os seus contextos” (Moita, 1995: 116).

Os contextos influenciam decisivamente as estratégias de afirmação e legitimação dos indivíduos e dos grupos socioprofissionais. É preciso ter em atenção o tipo de contexto político, social, económico e cultural que envolvem os indivíduos cujas trajectórias de vida estão em análise, pois devemos compreender conscientemente o grau de integração de um determinado indivíduo, por exemplo, num determinado

¹ Sobre o processo de profissionalização dos professores de ensino primário deve consultar-se António Nóvoa (1987).

regime político e a sua capacidade de “negociar” com o mesmo e construir a sua própria estratégia de afirmação social e profissional.

Estas estratégias podem ser diversas e constituírem canais de ligação com a comunidade no sentido dos indivíduos se valorizarem. No caso dos professores primários acreditamos que a construção de um campo de produção cultural (Bourdieu, 1991) ajudou a afirmar e legitimar uma profissão, e conseqüentemente o indivíduo que é o rosto da mesma, que durante o Estado Novo se viu confrontada com uma “lógica minimalista” (Nóvoa, 1992: 479), que tinha como objectivo “uma atitude de *desprofissionalização* do professorado, através da desvalorização das bases profissionais e científicas da actividade docente, de que a nomeação de regentes escolares ou a desqualificação da formação académica dos professores são sinais evidentes” (Nóvoa, 1992: 458). Na tentativa de contrariar esta desvalorização da actividade docente, muitas vezes, os professores do ensino primário promoviam um diálogo constante entre as dimensões pessoal, profissional e cultural, construindo assim uma identidade dinâmica e socialmente reconhecida.

É neste sentido que Maria João Mogarro refere que “este campo de produção cultural tinha a sua própria estrutura interna, constituindo um universo com uma lógica própria de funcionamento e transformação (...)” (2001: 616) que deve ser analisada caso a caso, trajectória a trajectória de vida.

Existe portanto, como defendemos noutra parte, uma relação de proximidade entre as dimensões pessoais, profissionais e culturais constituindo-se o *Saber* como articulador desta triangulação. Na verdade “aquilo que os professores representam no imaginário colectivo [corresponde] a uma imagem construída entre a Escola e Comunidade” (Henriques, 2008: 68). Neste sentido “o espaço social” é construído, e conquistado, a partir do conhecimento que os professores possuem” (idem: 68/69).

Assim, estamos perante um modelo teórico relacional que permite compreender mecanismos de socialização dos indivíduos através de “teias” de poderes que vão construindo ao longo do seu percurso biográfico.

Do nosso ponto de vista o itinerário de vida de José Manuel Landeiro pode ser um exemplo, entre outros, desta dinâmica profissional relacional que acabamos de apresentar.

Em suma, pretendemos olhar para o percurso de vida de José Manuel Landeiro, realçando a sua formação, a sua profissão e os espaços construídos como mecanismos de valorização identitários e mnemónicos, assentes numa determinada territorialidade.

1. O primeiro eixo: Landeiro e os seus contextos de formação.

José Manuel Landeiro nasceu em Aldeia do Bispo, no concelho de Penamacor, a 23 de Fevereiro de 1905. De famílias modestas, ainda que com alguma influência local, frequentou a escola primária na sua terra natal, criada em 1879, a partir de meados da década de dez, do século XX, que era o mesmo local do culto religioso. Isto é, a escola primária frequentada por José Manuel Landeiro era na verdade a Capela do Espírito Santo que “tornou-se um duplo templo religioso e instrutivo”². Frequentou esta escola até 1918 tendo como mestre e seu grande inspirador Manuel Martins Leitão “que foi o grande obreiro da educação e instrução nesta aldeia”³.

Ao concluir o ensino primário Landeiro seguiu um caminho comum na época e que passou pela frequência do Seminário Menor do Fundão, na diocese da Guarda. Esteve nesta instituição entre 1918 e 1923, constituindo um dos momentos mais marcantes do ponto de vista identitário e da aprendizagem com os mestres com que se cruzou naquele espaço.

Segundo José Manuel Landeiro “aldeia do bispo foi a freguesia que mais rapazes cont[ou] no seminário [do Fundão], chegando a haver mais de meia dúzia, o que era muito (...)”⁴ significativo para uma pequena localidade como aquela.

No ano lectivo em que Landeiro (1918/1919) integrou o Seminário do Fundão este contou com um aumento significativo de alunos, face ao que tinha acontecido em anos anteriores muito por causa do clima de instabilidade política e social vivida ali, como em muitos outros locais, devido ao sentido *laicizador* do regime político de então, entrando cerca de 120 novos seminaristas. Para frequentar esta instituição os alunos eram obrigados a apresentar um documento comprovativo do seu bom comportamento moral, atestado pela autoridade paroquial da sua freguesia natal. Neste documento podemos ler que o Pároco Joaquim Pires da Silva Vaz “atesta que José Manoel Landeiro natural e morador nesta freguesia tem bom comportamento moral e religioso e muito boa vocação para a vida sacerdotal”⁵.

²Cf. “Cartas da Nossa Aldeia” in *A Beira Baixa*, Castelo Branco, Ano XIII, nº642, 13 de Outubro de 1949, pp. 2.

³ Idem.

⁴ Ibidem.

⁵ Cf. “Atestado de bom comportamento” – Processo *individual de Aluno – Seminário Menor do Fundão – 1918/1919*.

No primeiro ano, em que estive no Seminário, frequentou as disciplinas de Francês e Português, pedindo em 1919 para frequentar as disciplinas de Português 2, Francês 2 e Latim 1. Frequentou depois as disciplinas de Latim 2, Geografia e, também, Matemática. No ano lectivo de 1922/1923 estudou, sobretudo, as disciplinas de História e Literatura, entre outras.

Ao longo da sua passagem pela instituição católica teve vários professores que marcaram o seu percurso pessoal e, depois, profissional. Nos registos que fomos encontrando espalhados pela imprensa regional e local refere-se a Monsenhor Cónego Santos Carreto, ao padre Cónego Wenceslau Ferreira Filipe, ao Padre Tomaz da Conceição Ramalho, ao Cónego José Lourenço Tavares, ao Padre Dr. Júlio César Pereira de Almeida, ao Padre José da Cruz Moreira Pinto, entre outros.

Na verdade, este espaço de formação constituiu uma referência para si mesmo no que diz respeito aos valores que promoveu e defendeu ao longo da sua vida, alinhados com o Catolicismo. Recordava, muitas vezes, os seus mestres do Seminário do Fundão e as aprendizagens que lá fizera. Por exemplo, em 1949, passados cerca de 30 anos da sua entrada naquele Seminário recordava os laços que o prendiam:

“Quem escreve estas linhas foi dos primeiros alunos do Seminário do Fundão, onde teve o nº 65. Já lá vão 31 anos! É este o maior prazer espiritual que nos acompanha desde o dia, que, não sentindo vocação para a vida sacerdotal, tivemos de sair do seminário que frequentamos durante cinco anos. Não esquecemos o grande abraço, os conselhos paternais que o grande mestre nos deu à saída, abraço este e conselhos estes que se vêm repetindo todas as vezes que entrarmos na Casa que nos formou moral e intelectualmente, que nos ensinou o amor à virtude e ao trabalho”⁶.

Em 1924 transitou para o Liceu Gil Vicente assumindo, a partir daí, que o seu caminho não era o da vida sacerdotal. Foi no interior desta instituição educativa que começou a desenvolver o interesse pela escrita. Ao lado de Trindade Ferreira participou, como editor e fundador, numa actividade de natureza editorial do próprio liceu: o periódico “De capa e batina”. Este periódico contou apenas com uma única publicação que aconteceu a 17 de Fevereiro de 1927, representando, todavia, simbolicamente o interesse deste professor pela intervenção cultural.

A decisão de se tornar professor do ensino primário era cada vez mais uma certeza. No final da década de 20, seguindo este propósito foi estudar para a Escola

⁶ “De Penamacor – Monsenhor Santos Carreto” in *A Beira Baixa* - Ano XIII, nº 640, 01 de Outubro de 1949, pp. 2.

Normal Primária de Coimbra onde conheceu alguns dos mestres que mais tarde o inspiraram na vida profissional e cultural.

Ao longo da sua passagem por esta escola, Landeiro participou de forma activa na definição do seu processo de construção identitário na medida em que, por exemplo, encontramos várias vezes indicações de que proferia conferências sobre alguns assuntos que, muitas vezes, se encontravam alinhados com um conjunto de discursos de natureza política de “afirmação da pátria” que circulavam em Portugal naquela época:

“Segundo vimos no “Primeiro de Janeiro” do Porto, o nosso conterrâneo, sr. José Manoel Landeiro, aluno da Escola Normal de Coimbra, fez no dia 30 de Novembro, na mesma escola, uma alocução alusiva à data gloriosa do 1º de Dezembro de 1640, sendo no fim cumprimentado e felicitado pelos professores e colegas”⁷.

No interior desta instituição que muito contribuiu para a construção de um perfil dinâmico da sua pessoa enquanto profissional de ensino, esteve também na origem de projectos de natureza editorial. Acreditamos que um dos momentos mais significativos da sua passagem pela Escola Normal Primária de Coimbra foi a edição da revista pedagógica “Escola Renovada” no dia 08 de Março de 1930, sendo pertença da Liga dos Antigos Alunos da Escola Normal.

Esta revista, além de José Manuel Landeiro, era dirigida por Mário da Cruz Sanches, que tinha conhecido no Seminário do Fundão, e Joaquina Matoso Flores. O objectivo principal deste projecto era a valorização da figura e da profissão de professor do ensino primário, imbuído do espírito da educação nova promovido por Álvaro Viana de Lemos, que influenciou decisivamente o percurso de vida de José Manuel Landeiro. Um dos assuntos tratados, nos dois números da revista, foi o centenário do pedagogo João de Deus, onde participaram nas comemorações professores e alunos da Escola.

Estas comemorações não ficaram apenas pela revista pedagógica tendo José Manuel Landeiro promovido as mesmas junto do distrito de Castelo Branco através da participação na imprensa regional e local⁸.

A actividade relacionada com a escrita, na Escola Normal Primária de Coimbra, que ajudou a construir a identidade de José Manuel Landeiro não se ficou pelos bancos da Escola. Nos seus tempos livres, inspirado na sua aldeia natal [Aldeia do Bispo –

⁷ “A Era Nova no Districto – Aldeia do Bispo (Penamacor)”. In *A Era Nova*, Ano III, nº 126, 05 de Dezembro de 1929.

⁸ Cf. “Na Escola Normal Primária de Coimbra – O Centenário de João de Deus e a festa de confraternização dos antigos alunos” in *Acção Regional*, Ano IV, nº 199 de 16 de Fevereiro de 1930.

Penamacor] escrevia pequenas histórias, romances e lendas que também ajudam, ainda hoje, a immortalizar figuras que o marcaram ou sobre as quais ouvira falar. Estes textos retratam ideais românticos, moralizadores e identificadores da sua própria identidade⁹.

Termina o seu curso em 1932 transportando consigo, da Escola Normal Primária de Coimbra, todo um ideário ligado a uma educação dinâmica e activa mas com sentido de valores, nomeadamente católicos, que recebera no Seminário do Fundão.

De facto, com a implementação do Estado Novo surgiu a oportunidade ideal de José Manuel Landeiro cruzar os seus interesses pela família, com os valores religiosos provenientes da sua formação enquanto seminarista. Porém, como teremos oportunidade de verificar, também os ideais *escolanovistas*, no interior do Estado Novo, foram promovidos por Landeiro, ainda que adaptados ao contexto da época.

2. O segundo eixo: a dimensão socioprofissional e cultural

José Manuel Landeiro iniciou a sua actividade profissional, ao contrário do que desejaria, fora do local das suas origens em Portomar, no concelho de Mira, em 1932, implicando o seu afastamento da imprensa regional e local albicastrense que contou, a partir do final da década de 20, com a sua presença.



Ilustração 1 – José Manuel Landeiro (1905-1973).

Em 1934 consegue regressar ao concelho de Penamacor leccionando na aldeia de Águas durante dois anos consecutivos. Foi, no entanto, na vila de Penamacor que se

⁹ “ A Tia Ana, Tecedeira...” in *Acção Regional*, Ano V, nº 230 de 26 de Outubro de 1930.

notabilizou e que fez grande parte do seu trabalho enquanto professor e enquanto produtor cultural, entre 1936 e 1950.

A partir desta altura a sua vida profissional e pessoal sofre uma grande transformação que o leva a mudar a sua residência para o Montijo. Apesar do afastamento da sua terra natal dedicou-se sempre à produção de conhecimento, à história, à etnografia e, *naturalmente*, à educação.

Posto isto, olhemos então alguns exemplos da sua produção cultural cruzada com uma dimensão social e profissional. Assim, em primeiro lugar vamos tomar como objecto de estudo, em particular, o periódico albicastrense “A Beira Baixa”, nomeadamente a coluna assinada entre 1937 e 1949 – “Postais da Nossa Terra” – por José Manuel Landeiro. Em segundo lugar, apresentamos os seus principais livros relacionados com o concelho natal e, por fim, faremos algumas considerações sobre um projecto social e pedagógico que ergueu na vila de Penamacor.

2.1. - A participação na imprensa local: a coluna “Postais da Nossa Terra”.

A sua colaboração na imprensa albicastrense iniciou-se quando ainda era estudante da Escola Normal Primária de Coimbra. No entanto, a participação mais significativa na imprensa regional e local aconteceu a partir de meados da década de trinta quando regressou ao seu concelho para leccionar.

Principalmente entre 1937 e 1950 encontramos um conjunto alargado de artigos distribuídos por diferentes periódicos locais, regionais e nacionais. Centrando o nosso texto na coluna “Postais da Nossa Terra”, do jornal *A Beira Baixa*, podemos verificar que os seus interesses culturais acabam por ter uma leitura bastante interessante, quando analisados, reflectindo a sua formação, os seus interesses pessoais e profissionais, enfim a sua própria identidade social.

Esta coluna é constituída por um conjunto de cerca de 120 artigos publicados no Jornal “A Beira Baixa”¹⁰ onde podemos encontrar temas diversificados que participaram, em nosso entender, na construção de uma determinada autoridade do professor sobre a sociedade transformando-o num “professor pregador”, apoiante do

¹⁰ Não ignoramos que esta coluna teve o seu início no periódico regional intitulado “Acção Regional”. Os primeiros 6 artigos foram produzidos para aquele periódico passando depois a escrever todos os outros no periódico “A Beira Baixa”.

Estado Novo, e, ao mesmo tempo, constituindo um verdadeiro projecto pessoal de cidadania com o objectivo explícito de promover e dignificar a memória do seu concelho.

Tabela 1 – A construção da coluna “Postais da Nossa Terra” no tempo.

Temáticas ¹¹ Anos	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
1937	3		1	3	1	4	6	1	10	
1938	8	1	1	10	2	4	2	2	2	1
1939	2		9	2		7	1		8	
1940									7	
1941									3	
1942			3						1	
1943	1		1						1	
1944			4						3	
1945										
1946										
1947										
1948										
1949	2		1							
1950										
Total	16	1	20	15	3	15	9	3	35	1

Fonte: Landeiro, José Manuel, “Postais da Nossa Terra”. *A Beira Baixa, 1937-1949 (período de produção da coluna)*.

José Manuel Landeiro construiu um conjunto significativo de retratos históricos do seu concelho que hoje são fontes importantes para o conhecimento do mesmo. Nesta coluna, que tomamos como exemplo, podemos identificar alguns focos desenvolvidos por este professor, colocando o seu conhecimento e as suas investigações em diálogo com a comunidade através da imprensa. Assim, destacamos 5 eixos estruturantes do seu pensamento seguindo a lógica da tabela que se encontra acima representada:

- 1) As generalidades – neste ponto incluem-se textos relacionados com aspectos da vida quotidiana do concelho de Penamacor, cruzados muitas vezes com o engrandecimento do regime político em vigor – Estado Novo.

¹¹ * 1) Generalidades; 2) Instituições locais; 3) Personalidades locais; 4) Religiosidade local 5) Educação; 6) Militares; 7) Assistência e religião; 8) Lendas; 9) Localidades; 10) Festividades.

- 2) As personalidades locais foram um interesse constante na vida deste professor. Procurou conhecer as suas gentes através da história realçando figuras, como por exemplo, António Nunes Ribeiro Sanches.
- 3) Também se interessou pela compreensão e divulgação da religiosidade local. Estas terras, de acordo com Landeiro, tinham vivências religiosas próprias que foram também alvo de pensamento por parte deste autor nomeadamente a festa religiosa da Nossa Senhora do Incenso.
- 4) Penamacor foi até meados do século XX uma praça militar da maior importância. Na verdade, Penamacor viveu, em boa parte, dos militares prestando-lhe serviços. Landeiro recuperou a memória e devolveu a importância de alguns desses militares e instituições paramilitares como a Legião Portuguesa e a sua instauração nesta vila.
- 5) Por fim, podemos observar na tabela que o número de artigos mais significativo corresponde à categoria “localidades”. Esta categoria inclui os trabalhos desenvolvidos sobre algumas das freguesias do concelho de Penamacor sobre as quais na época pouco se sabia, do ponto de vista histórico, e que despertavam a curiosidade do professor José Manuel Landeiro constituindo uma prova de respeito e necessidade de saber mais sobre aqueles territórios.

Além destes aspectos relacionados com a produção cultural na imprensa também não podemos deixar de referir que a sua produção pedagógica foi relevante, encontrando eco dos seus textos em variadíssimas revistas pedagógicas da época¹².

Esta coluna retrata bem o interesse que sempre manifestou pela sua terra natal. Deste modo através do estatuto de professor do ensino primário foi conquistando um estatuto social com o objectivo explícito de promoção e valorização do concelho de Penamacor, mas também como mecanismo de afirmação da sua profissão e da “missão” política que os professores do ensino primário deveriam cumprir naquele tempo. No fundo o professor do ensino primário representava a ponte entre a instituição escolar e a comunidade que o escutava atentamente. Esta foi uma estratégia de valorização da sua própria identidade, reforçando a importância da sua profissão através do “engrandecimento” das suas origens e das pessoas com que lidava quotidianamente.

¹² Sobre este assunto deve consultar-se o Repertório de Educação e Ensino de António Nóvoa: “A Nossa Escola”; “Educação Nacional”; “O Infantil”, “A Escola portuguesa”, entre outros.

Além dos periódicos já referidos poderíamos ainda acrescentar outros como “A Voz”, “Novidades”, “Acção Escolar”, “Renascença”, “Diário de Coimbra”, “O Navio” (de Ílhavo) ou a revista “Terra do Tejo”, que eram periódicos que contavam com a sua colaboração regular.

Importa referir, todavia, que nos anos 50 foi morar para o Montijo e que aí continuou a sua actividade cultural produzindo artigos para diversos periódicos regionais não se desligando, no entanto, da sua terra natal.

2.2. Os livros publicados e o reconhecimento (exemplos).

Ao longo da sua vida publicou algumas obras significativas para o Concelho de Penamacor que ainda hoje constituem, para alguns, a principal referência literária.

Paralelamente à produção cultural na imprensa construiu entre as décadas de 30 e 40 os seus livros mais representativos da investigação que foi promovendo sobre o seu concelho. Em 1938 lançou o livro “O concelho de Penamacor na História, na Tradição e na Lenda”¹³ e pouco tempo depois (1940) publicou o livro a “Diocese da Guarda com sede em Idanha-a-Velha (Egitânia), Penamacor e Guarda”¹⁴ constituindo estes livros as duas principais publicações, relacionadas com o concelho de Penamacor, que Landeiro desenvolveu ao longo da sua vida. No Montijo, também publicou alguns trabalhos mas não com a envergadura e o entusiasmo destes¹⁵.

¹³ LANDEIRO, José Manuel, *O Concelho de Penamacor na História, na Tradição e na Lenda*, 4ª ed., Câmara Municipal de Penamacor, 1995.

¹⁴ Idem, *Diocese da Guarda com sede em Idanha-a-Velha (Egitânia), Penamacor e Guarda – O Arciprestado de Penamacor, Vila Nova de Famalicão*: Minerva, 1940.

¹⁵Cf. Henriques, Helder Manuel Guerra, *José Manuel Landeiro (1905-1973): Educador, Historiador e Etnógrafo*, Câmara Municipal de Penamacor, 2009 (no prelo).

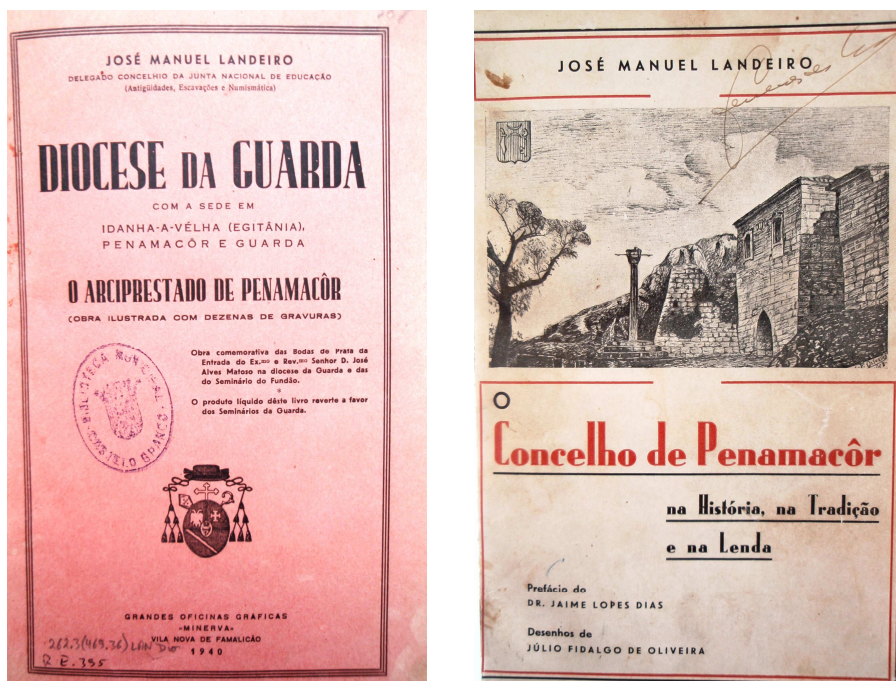


Ilustração 2 – As capas (1ª edição) das duas principais publicações de José Manuel Landeiro relacionadas com o concelho de Penamacor.

A imprensa mais reconhecida, do ponto de vista nacional, como os periódicos “*O Século*” ou o “*Diário de Notícias*” fizeram questão de salientar o seguinte sobre o primeiro livro:

“ (...) obra de interesse científico, histórico e etnográfico, dá-nos a conhecer, em linguagem elegante, toda a vida do concelho de Penamacor, através dos tempos, enriquecendo assim, a história da província da Beira Baixa e a divulgação das tradições do seu povo, na verdade muito curiosas. O trabalho revela as magníficas qualidades de investigador do sr. José Manuel Landeiro e, simultaneamente, o caminho que colocou na elaboração da sua obra, um alto serviço aos penamacorenses, não só da vila como do concelho” (*O Século*).

“(…) o livro pode considerar-se bem ordenado, cheio de interesse pelos elementos que faculta a todos os que pretendam estudar a história do antigo concelho beirão. O que foi e o que é o raiano concelho nesta obra se lê; até mesmo a parte lendária da região o autor compilou, contribuindo para valorizar o seu trabalho que deve merecer plena gratidão de todos os penamacorenses”. (*Diário de Notícias*¹⁶)

Na verdade, a imprensa um pouco por todo o país enviou manifestações de apreço à obra do autor e fez questão de o salutar. Também personalidades que admirava como José Leite de Vasconcelos, que na altura se encontrava em convalescença, ou o

¹⁶ Referências extraídas do livro “A Diocese da Guarda” (1940) referindo-se ao livro publicado anteriormente “O Concelho de Penamacor” (1938).

Abade de Baçal, lhe enviaram as felicitações pelo trabalho desenvolvido e pelo interesse que despertava a sua obra literária, valorizando as suas origens.

2. 3. A constituição da biblioteca/museu escolar de Penamacor.

A partir do último quartel do século XIX encontramos em Portugal algumas experiências museológicas relacionadas com a preservação da memória da Escola. A importância desta preservação tem sido defendida por diversos autores dado que, na verdade, estamos perante uma forma de valorização de uma memória individual e colectiva, simultaneamente.

Neste sentido, José Manuel Landeiro participou na construção do projecto da biblioteca e museu escolar de Penamacor que tinha como objectivo declarado colocar a Escola a dialogar com a comunidade, onde se encontrava integrada, promovendo o conhecimento e valorizando a memória de todos. Esta iniciativa pode ser colocada no interior das experiências relacionadas com a Educação Nova, no interior do Estado Novo, na medida em que os objectivos passavam também por um ensino dinâmico e activo, sobretudo no que diz respeito à componente histórica do concelho e da própria Nação.

Esta Biblioteca e Museu Escolar nasceu em pleno Estado Novo no ano de 1948. José Manuel Landeiro¹⁷ foi o grande dinamizador daquele espaço enquanto esteve a leccionar no concelho de Penamacor. Percebemos que desenvolveu as diligências necessárias junto das forças vivas daquele tempo – nomeadamente as forças políticas – para a constituição de uma biblioteca e museu escolar na Escola Masculina onde leccionava. Encontramos registos, no Arquivo Histórico de Penamacor, que reforçam a importância deste projecto para aquela vila contando com o apoio da Câmara Municipal onde podemos ler o seguinte:

“A Câmara Municipal do Concelho de Penamacor confrontada da inadiável necessidade de melhorar e modernizar o ensino primário no seu concelho tornando-o o mais prático

¹⁷ Cf. Henriques, Helder “Educação e História Local: uma experiência em Penamacor no final dos anos 40 (Séc.XX)”. Comunicação apresentada ao Congresso “Memória e História Local”, Organizado pela Universidade de Coimbra e realizado em Idanha-a- Nova, em Junho de 2009 (aguarda publicação).

e educativo possível resolveu fundar, anexo ao edifício escolar actualmente em construção, um pequeno museu e uma biblioteca escolar¹⁸”

Este documento permite-nos compreender a forma como foi estruturado o espaço com as características de um “pequeno museu e biblioteca escolar”, que se estruturava em duas “secções”:

“O primeiro [O Museu] a que se dará tanto quanto possível uma feição [h]istórica, etnológica, etnográfica, mineralógica, zoológica, botânica, colonial e agrícola; será simultaneamente um repositório de todas as antigualhas da região e particularmente d`este concelho, para o que esta câmara destinou uma pequena verba no seu orçamento para exploração e aquisição de objectos¹⁹”.

Já a biblioteca encontrava-se orientada para as camadas populares definindo-se, deste modo, os públicos a que se destinavam cada uma das secções:

“[a Biblioteca está] mais particularmente destinada ao povo, deverá conter principalmente obras didácticas, d`ensino profissional e literárias de autores portugueses. O município pobre como é, não pode prover desde já, fazer por compra a aquisição dos exemplares suficientes (...)”²⁰

O projecto encontrou muitas dificuldades financeiras cuja tentativa de resolução passou por chamar a atenção da população e dos homens “beneméritos” da localidade e do país para a importância destas iniciativas. Claro está que as influências de José Manuel Landeiro tiveram um peso importante na execução do projecto:

“ [A Câmara] resolveu apelar para a generosidade e patriotismo dos homens cultos do Paiz pedindo-lhes como donativo, que será devidamente averbado, quaesquer obras ou exemplares destinados a este fim. Seria ainda muito de agradecer que os objectos oferecidos, viessem convenientemente descritos e classificados com rigor e acompanhados dos nomes vulgares, indicação da sua proveniência e fins a que eram destinados²¹”.

José Manuel Landeiro, no periódico “*A Beira Baixa*”, registou a inauguração desta biblioteca-museu escolar da Escola masculina de Penamacor. A localidade respondeu de forma positiva a esta iniciativa contando, também, com ilustres figuras da

¹⁸ Arquivo Histórico de Penamacor – Documento avulso – Biblioteca-Museu Escolar de Penamacor (1947).

¹⁹ Idem.

²⁰ Idem, Ibidem, pp. 1 e 2.

²¹ Idem, Ibidem.

época de diferentes quadrantes da sociedade, onde Landeiro tinha alguma influência ou não fosse ele nos anos 40 um elemento ao serviço do regime, como delegado escolar, e não tivesse sido reconhecido o seu papel enquanto professor ao ser condecorado pelo mesmo regime.

“No próxima dia 25 terá lugar na escola masculina de Penamacor a inauguração do seu museu e biblioteca para o que se está preparando uma festa escolar. A esta digna-se assistir o ilustre director do Distrito Escolar de Castelo Branco e vão ser convidadas as autoridades administrativas, militares, eclesiásticas e outras entidades de Penamacor²²”

Todavia, esta inauguração prevista para o dia 25 de Abril de 1948, aconteceu mais tarde, no mês seguinte devido a um conjunto de problemas que sucederam e que obrigaram a alterar a data da comemoração. Nestas comemorações participaram elementos relacionados com a elite política local, antigos alunos da escola masculina de Penamacor, mas também o director do museu – José Manuel Landeiro – foi felicitado através de telegramas enviados por associações científicas do país das quais fazia parte, como por exemplo a Sociedade de Geografia de Lisboa²³.

De facto, a população tinha muitas expectativas relacionadas com esta iniciativa pedagógica. Verificamos que as festividades associadas à inauguração do Museu e Biblioteca Escolar foram uma manifestação importante na vila de Penamacor que serviu para valorizar a imagem do seu fundador, mas também para envolver a população, em termos gerais, potenciando deste modo uma relação estreita entre os interesses académicos de Landeiro, adquiridos em contextos de formação – sobretudo na Escola Normal Primária de Coimbra, pois importa realçar que um dos elementos que contribuiu para este Museu e Biblioteca escolar foi, precisamente, Álvaro Viana de Lemos enviando, por diversas vezes, materiais didácticos para Penamacor – e os interesses profissionais e culturais que desenvolveu como mecanismo de valorização da sua profissão junto da comunidade.

²² Cf. *A Beira Baixa*, ano XII, n.º 565, 24 de Abril de 1948.

²³ Cf. *A Beira Baixa*, ano XII, n.º 567, 08 de Maio de 1948.

Conclusão

Foi por todo este trabalho desenvolvido por José M. Landeiro em Penamacor que, em 1948, a «Emissora Nacional» fez um programa de homenagem à sua pessoa. Encontramos uma notícia de um grupo de admiradores do trabalho de Landeiro onde se pode ler o seguinte:

“Pelos suas boas qualidades morais e faculdades de trabalho é considerado e estimado pelos seus superiores hierárquicos e por todos os penamacorenses de almas bem formadas e isentas de ódio e paixões mesquinhas. Além de professor muito distinto José Manuel Landeiro é publicista, jornalista e arqueólogo (...); a sua biografia vem citada nas páginas da Grande Enciclopédia portuguesa e Brasileira e nas do livro «Quem é alguém em Portugal (1947)»²⁴,”

Apesar de destacarmos José Manuel Landeiro como alguém que construiu a imagem de professor interagindo com a comunidade, devemos referir que também foi um elemento que participou em inúmeros congressos relacionados com História, Arqueologia e Etnografia, participou mais tarde num programa de rádio no Montijo, foi membro efectivo da Sociedade de Geografia de Lisboa, proposto por Jaime Lopes Dias, entre muitos outros aspectos que poderíamos referir.



Ilustração 3 – O professor José Manuel Landeiro, no ano lectivo de 1949/1950, com uma das suas turmas que acompanhou na Vila de Penamacor²⁵.

²⁴ “Prof. José Manuel Landeiro” in *A Beira Baixa*, Ano XII, nº 588, 02 de Outubro de 1948.

²⁵ Imagem extraída do livro “O Concelho de Penamacor, na História, na Tradição e na Lenda” (1938).

O objectivo parece-nos sempre o mesmo: construir estratégias de valorização da profissão de professor, no interior do Estado Novo, que tinha apostado numa “lógica minimalista” do ensino primário, promovendo e participando em iniciativas que passavam pela escrita, nomeadamente através da participação na imprensa regional e local, que aqui destacamos, e pelos livros publicados pelo autor de que demos conta apenas de alguns exemplos relacionados com o concelho de Penamacor, e estabelecendo contacto com as populações através de iniciativas como a fundação de uma biblioteca e museu escolar na vila de Penamacor, produzindo deste modo um determinado tipo de memória que responde a interesses profissionais, culturais e sociais.

Estamos perante um conjunto de estratégias levadas a efeito de modo consciente utilizando o Saber como articulador entre a Escola e a Sociedade, produzindo-se uma identidade dinâmica, interactiva e relacional deste actor educativo. Neste sentido também a memória do concelho de Penamacor ficou a ganhar na medida em que o seu património escolar, etnográfico, histórico, arqueológico passou a ter um local de referência naquele tempo, transformando a escola num local dinâmico.

Bibliografia Geral²⁶

BOURDIEU, Pierre, *Razões Práticas – Sobre a Teoria da Acção*, 2ª ed., Oeiras: Celta, 2001.

CHARTIER, Roger, *A História Cultural – Entre Práticas e Representações*, 2ª ed., Lisboa: Difel, 2002.

DUBAR, Claude, *A Socialização – Construção das Identidades Sociais e Profissionais*, Porto: Porto Editora, 1997.

FERNANDES, Rogério & FELGUEIRAS, Margarida – *A Escola Primária: Entre a Imagem e a Memória*. Porto: Ministério da Educação/ Instituto de Inovação Educacional, 2000.

FREIDSON, Eliot, *Professional powers*, Chicago: The University of Chicago press, 1986.

HENRIQUES, Helder Manuel Guerra (2009), *José Manuel Landeiro (1905-1973): Educador, Historiador e Etnógrafo*. Câmara Municipal de Penamacor (no prelo).

HENRIQUES, Helder Manuel Guerra, *O professor do Ensino Liceal: Portalegre 1851-1963*. Coimbra: Palimage, 2008.

HENRIQUES, Helder, MOGARRO, Maria João e GUERRA, Marcolina, “A Cultura Material e o Património Educativo – O caso do liceu de Portalegre”. Comunicação apresentada no âmbito do *XXVIII encontro da APHES*: Universidade do Minho, Novembro de 2008.

MATTOSO, José, *A Escrita da História*, «col. Obras completas». Rio de Mouro: Circulo de Leitores, 2002.

MOGARRO, Maria João, “Os Museus Pedagógicos em Portugal: história e actualidade”. In Vicente Peña Saavedra (coord.). *Actas do I Foro Ibérico de Museísmo Pedagógico – O Museísmo Pedagógico en España e Portugal: itinerários, experiências e perspectivas*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia/Mupega - Museu Pedagógico de Galicia, 2003, p. 85-107.

MOGARRO, Maria João, *A formação de professores no Portugal contemporâneo – a Escola do Magistério Primário de Portalegre*. Tese de doutoramento. Cáceres/Lisboa: Universidad de Extremadura/Universidade de Lisboa, 2001.

MOGARRO, Maria João, “Bibliotecas Particulares e Saberes Pedagógicos”. In PINTASSILGO, Joaquim, FREITAS, Marcos Cezar de, MOGARRO, Maria João, CARVALHO, Marta M. Chagas de, *História da Escola em Portugal e no Brasil – Circulação e Apropriação de Modelos Culturais*, Lisboa: edições Colibri/ Centro de Investigação em Educação/ Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, 2006.

²⁶ As fontes documentais utilizadas encontram-se em nota de rodapé no final de cada página.

MOITA, Maria da Conceição, “Percurso de formação e de Trans-formação” in NÓVOA, António (Org.), *Vidas de Professores*, 2ª ed., Porto: Porto editora, 1995.

NÓVOA, António, *Le temps des professeurs*, 2 vols., Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1987.

NÓVOA, António (Dir.), *A Imprensa de Educação e Ensino: Repertório Analítico (sécs. XIX e XX)*, Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 1993.

NÓVOA, António (Org.), *Vidas de Professores*, 2ª ed., Porto: Porto editora, 1995.

NÓVOA, António, “A Educação Nacional” in ROSAS, Fernando, *Nova História de Portugal – Portugal e o Estado Novo 1930-1960*, Vol. XII, Lisboa: Editorial Presença, 1992.

NÓVOA, António, “Os Professores e as Histórias da Sua Vida” in NÓVOA, António (Org.), *Vidas de Professores*, 2ª ed., Porto: Porto editora, 1995.

Pereira, Sylvie Gonçalves, *A Parte Recreativa da Festa – O Papel e funções das festas escolares no 1º ciclo do ensino básico do ponto de vista pedagógico, social, moral, religioso e político na formação integral do aluno e da comunidade no distrito de Bragança do início do século XX até à década de sessenta*, Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa, 2006 (policopiada).

PINTASSILGO, Joaquim, *República e Formação de Cidadãos. A Educação cívica nas Escolas Primárias da 1ª República Portuguesa (1910-1926)*, Lisboa: Colibri, 1998.

SOBRAL, José Manuel, “Memórias e Identidades Sociais” in *Análise Social*, Vol. XXX (131-132), 1995, p. 290/291.